



O texto a seguir nos convida a refletir sobre a forma como olhamos o outro, no caso as famílias dos alunos, condição fundamental para estabelecer diálogos e parcerias.

Ano XV - Nº 132
Abril/Maio de 2015

DDHH

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

Coisa boa estar de volta, inaugurando o primeiro exemplar de 2015, quando celebramos os 15 anos do Boletim Direitos Humanos na Sala de Aula.

E nesse clima de festa, saudamos tod@s que se aproximam do Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos, tomando o boletim como um subsídio para reflexão teórica e prática.

Esse ano, abraçamos o lema “Famílias e Escola: promover o diálogo, construir parcerias” e assumimos o desafio de, numa perspectiva da educação em direitos humanos, discutir as relações entre esses dois atores sociais e a rede de proteção social necessária nesse processo.

Para iniciar essa conversa, colocamos algumas questões: Como ampliar o conhecimento que a escola tem sobre as famílias e buscar uma aproximação efetiva? Afirmarões que a escola costuma fazer sobre as famílias dos estudantes se baseiam em generalizações sobre fatos isolados? Ou a escola consegue fazer um estudo sistemático das famílias, buscando retratar realidade de maneira mais efetiva?

As atividades da *Sala de Aula em Movimento*, o *Para Refletir* e os outros materiais que você está recebendo junto com esse exemplar - o cartaz do lema e o jornal mural - foram pensados para ajudá-lo/a iniciar a discussão da temática com os estudantes.

O cartaz do lema: “Famílias e Escola: promover o diálogo, construir parcerias” quer expressar a diversidade das famílias e a relação com a escola, através do uso de cores e mãos que se entrelaçam - é apropriado para trabalhar com os menores. O jornal mural, com pequenos textos e imagens, apresenta diversas configurações de família e os novos olhares sobre papéis e funções de seus membros - apropriado para discutir com os maiores.

Esperamos que, ao longo desse ano, possamos enriquecer nossa parceria e diálogos, em prol da construção de uma cultura de direitos humanos na escola.

Datas Significativas

Abril

- 04 Dia Contra a Prostituição Infantil
- 07 Dia Mundial da Saúde
- 12 Dia dos Jovens
- 22 Dia do Planeta Terra (Dia da Terra)
- 28 Dia da Educação

Maio

- 01 Dia Mundial do/a Trabalhador/a
- 13 Dia de Luta contra a Discriminação Racial
- 18 Dia dos Povos Indígenas da América
- 25 Dia Internacional de Ação pela Saúde da Mulher
- 29 Dia Internacional dos Construtores de Paz das Nações Unidas

FAMÍLIAS: DESCONSTRUIR OLHARES, CONSTRUIR DIÁLOGOS...¹

Conhecemos as famílias de nossos alunos e alunas? Conhecemos muito ou conhecemos pouco? Temos o costume de levantar e sistematizar informações sobre as famílias? Como se aproximar das famílias e ampliar o conhecimento que a escola tem sobre elas?

Na tessitura da relação família-escola, observamos o quão tênue é a linha que atravessa esta dinâmica. Um aspecto que imprime grande importância no bojo dessa relação tecida é a concepção de um modelo familiar “ideal” que permeia a sociedade em que vivemos - um modelo social cristalizado e restrito de família como um grupo de pessoas ligadas por laços consanguíneos e/ou jurídicos. Tal idealização acaba tornando insensível e indiferente a escuta não apenas da escola, bem como de outras diferentes instituições que compõe essa rede de proteção às famílias, crianças e jovens aos diferentes discursos familiares e aos seus muitos arranjos na contemporaneidade.

Quando se trabalha com famílias, educadores/as e outros profissionais enfrentam um primeiro problema: o de identificar a noção de família com suas referências pessoais. A família tende a ser identificada com a “nossa” família, tão forte é a identificação da ideia de família com o que nós somos. Por isso, quando se lida com questões familiares, é difícil estranhar-se em relação a si mesmo. Há uma tendência a projetar a família com a qual nos identificamos - como idealização ou como realidade vivida - no que é ou deve ser a família, o que impede de olhar e ver o que se passa a partir de outros pontos de vista.

A naturalização das relações familiares, junto à sua transformação num modelo a ser seguido, faz da família um terreno fértil para um discurso normativo, o que cria outro problema no trabalho com famílias. Há, frequentemente, um “dever ser” no horizonte, referência positiva a partir da qual todo o resto torna-se “desvio” ou “anormalidade”, quando não, “patologia”. Aliás, quem nunca se pegou pensando em determinada circunstância: “Isso não é uma família!”

A família configura um cenário onde o conflito é intrínseco e, sendo assim, o trabalho com famílias pode se dar no sentido de pensar os limites do que é ou não negociável nas relações familiares, a partir da indagação sobre o que constitui conflito para a própria família e não como uma definição externa. Nesse sentido, é importante se perguntar como a própria família define seus problemas, suas necessidades, seus anseios e quais são os recursos de que ela mesma dispõe para tais

enfrentamentos. É necessário pensar como ouvimos as respostas e o estatuto² que atribuímos ao que se diz. O problema reside não tanto na dificuldade de reconhecimento e aceitação do conflito por parte dos membros das famílias que os vivenciam, mas principalmente na concepção de família que subjaz à grande parte das “intervenções” em famílias. Duas questões aqui estão em jogo: de um lado, a idealização da família, projetada num dever ser, e da própria afetividade como um mundo que exclui o conflito; mas, de outro lado, está a idealização de si, por parte dos profissionais, expressa na tendência a atribuir exclusivamente a si um saber, com base em sua formação técnica, e negar que a família assistida tenha um saber sobre si própria. Ouve-se o discurso das famílias como um não-saber, uma “ignorância”, negando que esse discurso possa ser levado em conta como um diálogo entre pontos de vista. Essa tendência à desqualificação do outro será tanto mais forte quanto mais a família assistida pertencer aos estratos mais baixos da hierarquia social, reproduzindo os mecanismos que instituem a desigualdade social.

Considerar o ponto de vista alheio envolve o confronto com nosso próprio ponto de vista, o que significa romper com o estatuto de verdade que muitos profissionais tendem a atribuir a seu saber, relativizando seu lugar ao pensá-lo como um entre outros discursos legítimos, ainda que enunciados de lugares socialmente diferenciados. Nessa mesma direção, precisamos ter em mente a importância de alargarmos a nossa compreensão sobre o conceito de família, de compreendê-lo nas suas pluralidades e diversidades, de vê-lo definido como um “universo de relações” que envolve também as ligações fundadas na confiança, reciprocidade e projetos em comum. Conceber famílias como uma rede de complexas relações, cuja dinâmica envolve emoções, sentimentos e comportamentos modificados ao longo da sua história no próprio cerne familiar. Essa desconstrução e ressignificação do nosso próprio olhar se fazem extremamente necessárias se almejamos vislumbrar no horizonte dessa relação (família-escola) caminhos que podem levar a promoção do diálogo e a construção de significativas parcerias.

¹ Este texto é uma adaptação do artigo “A família como ordem simbólica” (SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. In: Psicologia. USP, São Paulo: v. 15, n. 3, 2004.) Disponível na Internet.

² Termo empregado no sentido de norma, padrão, preceito.

Participe

Participe do Ciclo de Debates 2015, promovido pelo Movimento Socioeducativo - um espaço de reflexão e debates sobre educação e questões contemporâneas. O programa impresso está sendo enviado para as instituições parceiras. Acompanhe também a divulgação das atividades pelo site da Novamerica - www.novamerica.org.br
Visite o site do Observatório de Educação em Direitos Humanos em Foco - <http://observatorioedhemfoco.com.br/> e curta a Fan Page da Novamerica no facebook.
Participe, também, desse boletim e/ou da nossa Fan Page, enviando sugestões de materiais, atividades pedagógicas e informes de eventos realizados nas escolas sobre a temática dos direitos humanos e do lema 2015. Lembramos que o boletim é publicado bimestralmente e o e-mail para envio é escola@novamerica.org.br.

A Equipe



NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA

Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033

E-mail: escola@novamerica.org.br
<http://www.novamerica.org.br>

DDHH
Direitos Humanos
na sala de aula

Editora: Susana Sacavino
Texto Final: Sílvia Maria F. Pedreira
Supervisão Editorial: Adélia Maria Koff
Composição Gráfica: Companhia Visual Manteca
Equipe Responsável: Edileia Carvalho
Marilena Guersola
Vera Maria Candau

NOVAMERICA 2015

A Sala de Aula em Movimento

Cara/o educadora e educador, as atividades aqui propostas são para os estudantes, mas especialmente para você. O material produzido pelas crianças e jovens, sistematizado por você, dará elementos para compreender melhor as famílias. Antes de desenvolver qualquer atividade, leia o texto da seção Para Refletir. Ele traz contribuições para a fundamentação e desenvolvimento do trabalho.

Temos Direito!

Para combater a violência e afirmar os direitos da mulher, saudamos a aprovação recente de duas leis:

- Lei 13.104 que tipifica como crime hediondo o feminicídio, isto é, o assassinado de mulheres por questões de gênero ou por violência doméstica.
- Lei 13.112 que, enfim, autoriza que a mãe faça o registro do filho sem a presença do pai.

Ensino Fundamental

1º, 2º e 3º Anos

A atividade objetiva discutir a ideia de que cada família é de um jeito e que todas são especiais. Tem família só com mãe, só com pai, com e sem irmãos, tem famílias com duas mães ou dois pais. Até tem famílias com pai e mãe. A família pode ser biológica ou não, como no caso de adoção e de criança que vive em orfanato. Entretanto, seja como for a família, toda a criança tem o direito de ser educada, respeitada e amada.

➤ Distribuir folhas de papel e solicitar que as crianças desenhem as pessoas da sua família, escrevendo os nomes e quem são (irmã/o, mãe, tio, avó, amiga...). Em duplas, a criança partilha o desenho com o/a colega, falando livremente sobre sua família. Convidar as duplas a contar para a turma o que descobriram de semelhante e de diferente entre suas famílias. Seria interessante organizar um painel para todas as crianças fixarem seus desenhos.

➤ Através da brincadeira dos círculos concêntricos - fazer grande roda com todas as crianças e pedir que vá para o centro da roda as crianças que se encaixem em alguma categoria que o professor/a disser. Por exemplo: *vai para o centro da roda quem não tem irmãos, nem irmãs*. Quem foi para o centro da roda responde alguma pergunta feita pelos/as colegas - por exemplo: *é bom ser filho único?* Então, quem foi para o centro volta para a grande roda. A brincadeira continua: *vai para o centro da roda quem só tem um irmão ou irmã; vai para o centro da roda quem vive com a avó ou avô; vai para o centro da roda quem vive só com a mãe*; e assim por diante. Você vai acrescentando as categorias que achar mais pertinentes para ampliar o conhecimento das famílias.

➤ Esta atividade lúdica pode se transformar em uma proposta interessante na aula de matemática, como por exemplo, organizar tabelas e gráficos com a quantidade de crianças que são filhos únicos, que só tem um irmão/irmã, que tem dois irmãos, e assim por diante. Organizar outra tabela e gráfico demonstrando com quem as crianças vivem.

A brincadeira e a elaboração dos gráficos devem suscitar muita conversa sobre as diferentes organizações familiares. A temática é delicada e vai exigir habilidade e sensibilidade para lidar com emoções e especialmente com manifestações de discriminação e preconceito, quando alguma família não se encaixar no padrão esperado. Fique atenta/o, valorize cada família do seu jeito.

Mosaico

Interessante destacar as discussões atuais sobre as novas configurações familiares, referências constantes na TV, na imprensa e nas redes sociais.

No plano legal, essa discussão é representada pelo embate entre dois projetos de lei que disputam o conceito de família. O Estatuto da Família, na Câmara dos Deputados, a define como um núcleo social criado a partir da união entre um homem e uma mulher ou por qualquer dos pais e seus descendentes. No Senado, o Estatuto das Famílias, de forma plural, entende que a família deve ser protegida em qualquer de suas modalidades e que o parentesco resulta da consanguinidade, da socioafetividade e da afinidade.

Para nós, entender a família como uma construção social e histórica, seu caráter plural e a ideia de que qualquer forma de amor vale a pena, é crucial nesse debate.

Ensino Fundamental

4º e 5º Anos

Esta atividade se propõe refletir sobre o significado de família para os/as estudantes e identificar o funcionamento da dinâmica familiar. É importante que você educadora e educador, esteja preparada/o para acolher as falas dos estudantes, por mais incomuns que pareçam, e procure valorizar o aspecto da proteção, como um importante propósito do grupo familiar.

➤ Iniciar a atividade promovendo um diálogo aberto sobre o significado de família para a turma. Estas e outras perguntas podem ajudar a conduzir a conversa: O que é família para você? Por que algumas vezes achamos nossa família legal? Por que algumas vezes não achamos nossa família legal? Aqui é importante frisar que o conflito faz parte de qualquer grupo familiar, mas na maioria das vezes, o amor e o cuidado de uns pelos outros ajuda a superar os conflitos.

➤ Em seguida, estimular as crianças refletirem sobre as questões a seguir e a responder de forma sincera as perguntas:

- ✗ Quem me acorda? Quem me leva para a escola? Quem me ajuda com as tarefas da escola e a estudar?
- ✗ Quem prepara a comida para a família? Quem arruma e limpa a casa?
- ✗ Quem compra comida, roupas e o que for necessário?
- ✗ Quem manda e dá as ordens em sua casa? Todo mundo obedece ou tem muita briga?
- ✗ Quem decide o programa de televisão que vai passar? Quem decide se pode brincar na rua?
- ✗ O que você faz para ajudar nas tarefas da casa?

➤ Com o questionário respondido individualmente, organizar grupos para que os/as estudantes compartilhem as suas respostas e preencham a tabela sugerida a seguir ou outra mais adequada elaborada por você. Cada participante do grupo marca suas respostas em tabela para terem uma visão de como se organiza a dinâmica familiar.

Modelo de tabela	Mulher Adulta ¹	Homem Adulto ²	Meninas ³	Meninos ⁴	EU ⁵
Quem cuida de mim	///	/	//		/
Quem cozinha para a família					
Quem arruma e limpa a casa					
Quem compra a comida e o que é necessário para a família					
Quem manda na família					
Quem decide o programa de televisão que vai passar					
Quem decide se pode brincar na rua					

1. Mulher adulta: mãe, madrastra, avó, tia, vizinha, madrinha, etc.
2. Homem adulto: pai, padrasto, avô, tio, vizinho, padrinho, etc.
3. Meninas: irmãs mais velhas, primas mais velhas, etc.
4. Meninos: irmãos mais velhos, primos, etc.

A análise das tabelas ajuda a refletir sobre os diferentes papéis que cada um/a e a responsabilidade de tod@s na organização familiar. Esta atividade abre várias discussões interessantes como o papel masculino e feminino na dinâmica familiar, as mudanças que estão ocorrendo em relação a esses papéis historicamente definidos. A atividade dos 8º e 9º anos aprofundam a discussão.

Ensino Fundamental

6º e 7º Anos

Nesta atividade, a ideia é trabalhar o caráter plural e a importância da família na constituição de nossas subjetividades. Ela também favorece a aproximação com o contexto familiar e como os/as alunos/as representam suas famílias.

➤ Dispor a turma em círculo e criar um clima acolhedor na sala.

➤ Colocar uma música suave e convidá-los/as a prestar atenção na música, esticar braços, pernas e espreguiçar.

➤ Pedir que, em silêncio, fechem os olhos, respirem lentamente e como se estivessem abrindo um baú de lembranças da família, fizessem memória de momentos alegres, situações tristes, cheiros, cores, imagens de lugares, objetos, pessoas...

➤ Em seguida, disponibilizar folhas de papel A4, lápis e cera e solicitar que, individualmente, representem, através de desenho, as lembranças, sentimentos e sensações vivenciados no momento anterior.

➤ No verso do desenho, pedir que escrevam 3 palavras ou pequenas frases que sintetizem a vivência inicial.

➤ Organizar grupos de, no máximo, 4 alunos, e solicitar que compartilhem entre si os desenhos e as palavras escritas no verso como referência.

➤ Pedir que escolham o desenho que consideram mais significativo e identifiquem, no máximo, 3 palavras comuns, dentre as escritas no verso de cada desenho. Registrar cada uma delas em filipetas coloridas.

➤ Desfazer os grupos e de volta ao círculo, indagar: Como foi a conversa nos grupos? Gostaram? Como foi esse "encontro" com nossas famílias?

➤ Solicitar que um/a representante de cada grupo apresente as palavras comuns e a justificativa da escolha do desenho. Ao final, dispor as filipetas com as palavras e o desenho escolhido no chão, no centro do círculo.

➤ Após a apresentação de todos os grupos, indagar se gostariam de completar com alguma outra característica, se alguém gostaria de compartilhar o seu desenho ou apenas incorporá-lo ao painel.

➤ Ao final da apresentação de todos os grupos, o/a educador/a deverá comentar as confluências e diferenças presentes na palavras e desenhos destacados.

➤ Feita a síntese do primeiro momento, indagar: A partir dessas características como podemos definir família? O que nós consideramos família?

➤ Sistematizar a explicação de família, escrevendo em papel pardo.

➤ Para concluir, colocar a música "Família" dos Titãs e distribuir cópias da letra para que todos cantem juntos.

➤ Perguntar se gostariam de comentar algum verso se a música de, algum modo, lembrou uma experiência de família vivida por eles/as.

Ensino Fundamental

8º e 9º Anos

Esta atividade pretende discutir o papel da família na afirmação e desconstrução de estereótipos de gênero e comportamentos machistas.

➤ Distribuir cópias da letra "Se eu largar o freio" de Péricles, disponível na internet. Colocar a música e pedir que todos cantem juntos.

➤ Iniciar a conversa, solicitando que identifiquem, na música, versos que expressam atitudes machistas e estereótipos de gênero, ou seja, uma visão generalizada e limitada do comportamento do homem e da mulher na sociedade. Perguntas que ajudam: A música aponta alguns papéis do homem e da mulher na família e na sociedade? De que forma? O que será que ele quer dizer com "largar o freio"? Vocês identificam situações semelhantes na sua ou em outras famílias?

➤ Ampliar o debate, perguntando: O que vocês pensam sobre algumas frases que ouvimos comumente, tais como: "Homem que é homem não faz isso", "Isso é coisa de mulher" ou ainda "Isso é coisa de mulherzinha"? Pedir que identifiquem outras frases que demonstrem visões estereotipadas. Vocês já viveram alguma situação que tinham a ver com esses tipos de enunciado? Alguma fez sentir-se afetados por alguma visão estereotipada? Essas frases revelam atitudes preconceituosas? Por quê?

➤ Quando sentir que os exemplos são suficientes, perguntar: Quem determina o que é coisa de homem e o que é coisa de mulher? Vocês acham que a família influencia nesse tipo de comportamento? Como?

➤ Solicitar que identifiquem, mudanças atuais nas relações familiares que desafiam os estereótipos de comportamento masculino e feminino. As imagens do jornal mural podem ajudar.

➤ Para aprofundar o debate, pedir que identifiquem outros discursos presentes na sociedade que afirmam estereótipos de gênero e atitudes machistas. Ex.: publicidade, novelas, religião, música, livros, filmes, etc..

➤ Como desdobramento, essa atividade pode ser trabalhada numa perspectiva interdisciplinar, como por exemplo: História (origem da sociedade patriarcal, configurações familiares de diferentes povos e culturas, o movimento feminista, etc.), Matemática (gráficos e tabelas de pesquisas recentes sobre violência contra a mulher, trabalho infantil, os novos arranjos familiares, etc.), Língua Portuguesa (leitura e escrita de diferentes gêneros textuais sobre o machismo e estereótipos masculino e feminino, etc.) Artes (promover diferentes manifestações artísticas e culturais suscitadas pela temática).

Enriquecendo a Ação:

Dicas de vídeos, disponíveis no youtube:

- O que é família? Programa Em Família do Canal Saúde/Fiocruz.
- Debates sobre os Estatutos das Famílias: Núcleo familiar - Parte 1 e Parte 2, Sala de Debates, canal Futura.

➤ Para trabalhar os vários tipos de família com as crianças pequenas, o Livro da Família, de Todd Parr.

Literatura infantil:

- "O menino que não nasceu da barriga da mãe", de Carmen Lucia Eiterer, Ed. Mazza.
- "Eu, meu cachorro e meus pais separados", de Leticia Sandenberg, Ed. Zit.
- "Agridoce nostalgia, de Tatana Belynnki, Ed. Paulinas.